

# **TRABALHO, GÊNERO E SAÚDE: UMA ETNOGRAFIA SOBRE AGRICULTORAS E AGRICULTORES FEIRANTES DE CAMOBI (RS, BRASIL)**

## **WORK, GENDER AND HEALTH: AN ETHNOGRAPHY OF CAMOBI FARMERS (RS, BRAZIL)**

**Luana Isabel Klatt<sup>1</sup>, Maria Catarina Chitolina Zanini<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

O objetivo deste artigo é analisar práticas de saúde e corpo entre/com agricultoras/ agricultores e consumidora/es da “Feirinha de Camobi”, localizada em Santa Maria, Rio Grande do Sul. O estudo se desenvolveu por meio de pesquisa etnográfica, realizada de 2016 a 2019. Almeja-se também descrever e identificar como estes feirantes (homens e mulheres) se construíram enquanto sujeitos e como interagem no meio urbano para comercializarem sua produção. Observou-se que estas e estes feirantes passaram e mantêm um processo de socialização que lhes destina a desenvolverem determinados trabalhos conforme o gênero. Também se constatou que realizam seus cuidados conforme a percepção de saúde que aprenderam e que constroem nas práticas cotidianas.

**Palavras-chave:** Agricultoras. Agricultores. Trabalho. Gênero. Saúde.

### **ABSTRACT**

The aim of this article is to analyze health and body practices among farmers and consumers of “Feirinha Camobi”, located in Santa Maria, Rio Grande do Sul. The study was developed through ethnographic research conducted from 2016 to 2019. It also focus to describe and identify how these sellers (men and women) built themselves as subjects and how they interact on the urban environment to sell their products. It was observed that these sellers have passed and maintain a process of socialization that intends to develop certain works according to gender. It was also found that they perform their care according to the health perception they have learned and build in daily practices.

**Keywords:** Farmers. Work. Gender. Health.

---

<sup>1</sup> Estudante de licenciatura em Ciências Sociais-Licenciatura, autora -Universidade Federal de Santa Maria - UFSM.

<sup>2</sup> Cientista Social, orientadora: pós-doutorado pelo Museu Nacional-(MN-UFRJ).

**Luana Isabel Klatt**

**TRABALHO, GÊNERO E SAÚDE: UMA ETNOGRAFIA SOBRE AGRICULTORAS  
E AGRICULTORES FEIRANTES DE CAMOBI (RS, BRASIL)**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado à  
Coordenação de Licenciatura em Ciências  
Sociais, da Universidade Federal de Santa  
Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para  
a obtenção do grau de **Licenciada em Ciências  
Sociais**

**Aprovada em 17 de dezembro de 2019:**

---

**Maria Catarina Chitolina Zanini (UFSM)**

Orientadora

---

**Monalisa Siqueira Dias, Dra (UFSM)**

---

**Patrícia Rejane Froelich, M.a (UFMA)**

Santa Maria, RS  
2019

## **AGRADECIMENTOS**

Dedico estes breves escritos às agricultoras e agricultores de Santa Maria e região. Obrigada pela possibilidade de aprender junto com vocês.

Agradeço a minha orientadora Maria Catarina que não deixou de acreditar e ter paciência comigo durante três anos de caminhada, desde o projeto de pesquisa até este Trabalho de Conclusão de Curso. Obrigada por me guiar neste caminho!

Agradeço a minha família pela permissão de voar, apoiar-me e transmitir amor durante todos os anos de minha vida.

Agradeço às minhas amigas e amigos que foram e são um dos meus maiores campos de resistência e luz. A presença de cada uma e cada um nos momentos delicados e também nos prazerosos foi imprecindível para minha chegada até aqui.

Agradeço a todo carinho, incentivo e trabalho aprendido e compartilhado com as e os integrantes do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NECON), vocês são pesquisadoras e pesquisadores que inspiram.

Agradeço, o que é direito enquanto cidadã brasileira, mas também sei que tive o privilégio e essa grande oportunidade de ingressar numa universidade pública, acessar políticas de assistência estudantil e ser bolsista de iniciação científica durante a graduação. Foram elementos de suma importância para que pudesse estudar e me formar no ensino superior.

Agradeço a professora Monalisa e a Patrícia Froelich, banca examinadora deste artigo que me acompanharam durante meses nesse itinerário. Agradeço pelas contribuições realizadas.

A todas e todos que de alguma forma contribuíram para que chegasse até a conclusão desta etapa, minha gratidão!

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	5
<b>2. IDENTIDADE SOCIAL, A FEIRA E SEUS BASTIDORES</b> .....	10
<b>3. CONSTRUÇÃO DO CORPO E COMPREENSÃO DE SAÚDE ENTRE AGRICULTORAS E AGRICULTORES FEIRANTES</b> .....	15
<b>4. PERCURSOS DE CUIDADOS</b> .....	19
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	21
<b>6. BIBLIOGRAFIA</b> .....	22

## 1. INTRODUÇÃO

Neste artigo apresento brevemente o cotidiano na feira de agricultoras e agricultores da “Feirinha de Camobi”, localizada em Santa Maria, estado do Rio Grande do Sul. Pretendo descrever e identificar essas e esses trabalhadoras/es, como se construíram enquanto sujeitos nesse ambiente da feira e como interagem no meio urbano para venderem sua produção. Objetivo, igualmente, analisar suas perspectivas e narrativas quanto à saúde, corpo e cuidados (de si e com outros). Tive como problema de pesquisa a seguinte questão: como as agricultoras e agricultores feirantes se construíram enquanto sujeitos e como percebem a saúde em seu contexto social? Buscando responder a esta questão, caminhei pela feira, pela teoria antropológica e procurei ouvir, compreender e analisar o que estava sendo observado, ouvido e compartilhado.

A cidade de Santa Maria, localizada no interior do estado do Rio Grande do Sul, tem aproximadamente 261.031 habitantes, em que 248.347 se encontram no meio urbano e 12.684 no meio rural (IBGE, 2010). Para Cielo (2017), o elevado índice de população urbana propicia o desenvolvimento de feiras livres e mercados. É uma cidade caracterizada como o “coração do Rio Grande” por sua localização centralizada, sendo regionalmente reconhecida por ser uma cidade universitária. Abrange um vasto potencial de ensino, pesquisa e extensão, com mais de sete polos institucionais de formação superior.

Inserida nessa cidade ao longo de quatro anos da minha trajetória enquanto estudante de ciências sociais-licenciatura, busquei entender as teias de significados (GEERTZ, 2013) neste mundo universitário e arredores. E assim pude me (re)conectar com pessoas que, mesmo vindas de contextos diferentes, traziam trajetórias semelhantes. Aprendi a me ler enquanto pessoa e entender que sou lida e classificada por meio de categorias simbólicas (DOUGLAS, 2010) e, inclusive, pelos sujeitos na feira que pesquisei. Destaco, desse modo, que sou uma jovem branca de 22 anos, cotista de escola pública, filha de agricultores, vinda de Santo Cristo/RS, cidade interiorana da região noroeste do estado aprendendo a viver em uma “cidade maior”.

Compreendi, conforme Oliveira (2004, p. 34), que ao realizar uma pesquisa no universo antropológico, já exercemos nosso papel de negociação para obter a liberdade e inserção de pesquisar naquela comunidade que escolhemos, assim como ambos -os interlocutores e pesquisador- são atores que possuem identidades que ali se relacionam. E esse processo interpretativo de quem pesquisa pode ser mais fiel quando, como destaca Favret-Saada (2005) somos afetados em campo, não a ponto de não se perceber enquanto “sujeito de fora”, mas

permitir que se conheça o campo em que nos encontramos sem medo de nos aprofundarmos nele e com ele interagir intensamente. Sem deixar, da mesma forma, de estar ciente quanto a ética do antropólogo e da antropóloga<sup>3</sup> (2011/2012) quanto a liberdade, o direito, respeito e responsabilidade que devem ter com o grupo trabalhado.

Descrevo-me também reflexivamente por perceber que esta pesquisa contribuiu para que me reconhecesse enquanto uma mulher que provém de um contexto semelhante ao das/os minhas e meus interlocutoras/es, mas que também foi e é distinto. E assim, a escolha do tema ocorreu de uma forma reflexiva, como também de caráter saudoso de uma pessoa que cresceu em um contexto rural e que voltou a se enxergar em uma espacialidade específica.

Os primeiros passos deste estudo foram dados em 2016 quando tive a oportunidade de integrar enquanto bolsista<sup>4</sup> o projeto de pesquisa: Na Feira: produção, distribuição e consumo entre agricultoras feirantes na região central do Rio Grande do Sul (2016-2018). Ocorrido de 2012 até 2018, tornou-se uma continuidade da pesquisa anterior: Mulheres camponesas: produtoras, distribuidoras e consumidoras (antes de 2012), que visava conhecer o universo dessas mulheres e seu mundo de trabalho (ZANINI, 2015) em contextos de Santa Maria<sup>5</sup>.

Realizando um acompanhamento da literatura referente às complexidades do mundo rural e me utilizando da etnografia como suporte metodológico, pude me aproximar dessas/es trabalhadoras/es e ir conhecendo seus significados neste universo. A etnografia me conduziu, conforme destaca Peirano (2014), como uma atitude de vida e não simplesmente como uma metodologia engessada que visa conhecer o ambiente e pessoas que ali se encontram a fim de realizar mais um trabalho acadêmico. Assim, com caderno de campo, fotografias e principalmente nas conversas que se desenvolviam durante a feira é que fui conhecendo mais o mundo das e dos feirantes, e elas/eles o meu.

Tendo um caráter de venda direta, a feira é caracterizada, conforme Zanini (2018, p. 229), “predominantemente como um circuito curto de economia”. O que se produz no campo pela/o agricultor/a é comercializado com os consumidores no meio urbano. Essa prática de comércio, de configurações ali estabelecidas também possibilitaram a compreensão de

---

<sup>3</sup> O Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga foi criado na Gestão de 1986/1988 da Associação Brasileira de Antropologia e reformulado na gestão de 2011 e 2012.

<sup>4</sup> Durante dois anos tive a oportunidade de ser bolsista do projeto de Iniciação Científica (IC), o qual foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A bolsa remunerada se tornou essencial para minha permanência na cidade de Santa Maria e consequente continuidade na pesquisa.

<sup>5</sup> Destes projetos foram desenvolvidos pela orientadora Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Catarina Chitolina Zanini juntamente com seus bolsistas e demais colaboradores os *ebooks* “Mercados, campesinato e cidades, abordagens possíveis” (2015), “Somos todas mulheres iguais, estudos antropológicos sobre feiras, gênero e campesinato” (2015) e Feiras, feirinhas e feirões, a “economia de centavos” em foco (2017).

processos interativos e identitários diversos (ZANINI, 2018) construídos por estes sujeitos na prática cotidiana.

A “Feirinha de Camobi” (Figura 1) se localiza no Bairro Camobi, em Santa Maria-RS e ocorre duas vezes por semana na parte da manhã. Possui uma história de mais de 20 anos no bairro, sendo que atualmente nas quartas-feiras há entre 12 e 15 barracas, chegando até 25 no sábado<sup>6</sup>. A calçada rente à Avenida Roraima, principal via de acesso à Universidade Federal de Santa Maria, passa de sua composição de cor acinzentada ao colorido das barracas azuis, amarelas, laranja, verde e brancas durante dois dias da semana. A feira, desse modo, como destaca Froelich (2014, p. 29) "é uma mescla de cores, aromas, sabores e histórias". A transformação da rua é capaz de proporcionar diversas interações sociais entre as pessoas que circulam por lá.

Figura 1: “Feirinha de Camobi” logo ao lado da Avenida Roraima, setembro de 2018.



Fonte: Arquivo pessoal.

O espaço da feira “funde” o mundo rural com o mundo urbano, as conversas se tornam mais fluídas, um ritmo de vida mais acelerada entra em fluxo. É necessário, enquanto pesquisadora, desafiar-se e experienciar a ambiência urbana, observar e descrever percursos, trajetos e tramas cotidianos (ECKERT, ROCHA, 2003) que os consumidores e feirantes traçam no ambiente. É necessário estar atenta ao que compõe um *métier* antropológico, em que o olhar e o ouvir se mostram explicitamente no campo empírico e que, num terceiro momento passa a ser textualizado (OLIVEIRA, 1996) por quem pesquisa, escreve, descreve e analisa

<sup>6</sup> Conforme Zanini (2018), em 2011, quando iniciou sua pesquisa no antigo projeto: Mulheres camponesas: produtoras, distribuidoras e consumidoras, nas quartas-feiras encontrava pela feira cerca de 5 ou 6 barracas e aos sábados de 11 a 13. O que configura mudanças conforme o passar do tempo.

academicamente. É um dos elementos mais complexos, mas de imenso valor para cada pesquisador/a, ser o mais fiel possível aos vislumbres e histórias acompanhadas.

Figura 2: A primeira foto destaca a calçada da Avenida Roraima durante a semana e a segunda como esta se apresenta nos dias de feira, o movimento que gera, as cores que traz e a movimentação que proporciona. As fotos são, respectivamente, de agosto de 2017 e março de 2019.



Fonte: arquivo pessoal.

Formada por um grupo heterogêneo, a feira de rua em contexto urbano (ZANINI, 2018. p. 229) compreende agricultoras e agricultores que produzem e vendem frutas, verduras, legumes, embutidos (salame, morcilha<sup>7</sup>, linguiça), ovos, banha, mel, além de bolos, cucas, pães, massas, grostolis<sup>8</sup>, rapadura, bolachas- produzidos pelas mulheres. Ainda há a presença de artesãs e artesãos do meio urbano que vendem crochê, bordados, amuletos, flores, pedras, colares, pulseiras, incenso, entre outros.

Figura 3: Na primeira imagem encontramos bolos, verduras, grostolis, bolachas. Na segunda vemos a banca com artesanato de pedras. As imagens correspondem a setembro de 2018 e maio de 2017.

<sup>7</sup> Embutido preparado a partir de miúdos de porco e temperos.

<sup>8</sup> Também conhecido como cueca-virada, cavaquinho, bolinho, é uma massa doce feita com ovos, açúcar, farinha de trigo que é misturada, sovada e posteriormente espalhada na mesa para ser cortada. No final é frita em óleo e pode ser empanada em açúcar ou algum caldo doce.



Fonte: arquivo pessoal.

Segundo Zanini (2018), as camponesas foram responsáveis por desenvolverem a feira por meio de atividades da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER). Um novo desafio quando lhes foi necessário desenvolver habilidades (INGOLD, 2010) de venda e comercialização, com técnicas de venda e interação com a população urbana. Observa-se o protagonismo e certa autonomia das mulheres as quais são capazes de gerar agência (ORTNER, 2007), ressignificando pontos de vista e compreensões acerca de si mesmas, de seu corpo, do comércio e das interações rural/urbano.

Limitei o trabalho de campo entre agosto de 2016 até outubro de 2019, período em que assiduamente frequentei a “Feirinha de Camobi”. Seleccionei 7 feirantes como interlocutores: Nívea, Derli, Luiza, Óto, Iasmim, Marcelo e Cris<sup>9</sup>. Acompanhei-as/os uma a duas vezes por semana negociando minha permanência naquele ambiente de trabalho e de imenso movimento por vezes.

Durante os meses que acompanhamos a feira -eu e a professora orientadora- negociávamos a nossa presença na feira a cada encontro, mesmo tendo a concessão das e dos feirantes e demais pesquisas que já se realizaram por ali. Era corriqueiro chegarmos com as cadeiras e solicitarmos: bom dia, podemos?, dando a entender que queríamos a confirmação para entrarmos no espaço delimitado que compreendia sua banca e acompanhá-las/os durante a manhã. Tratava-se mais do que respeito, mas também de que soubessem e concordassem com nossa presença entre eles e com eles.

As histórias e diálogos muitas vezes permeavam sobre sua qualidade de vida, direta ou indiretamente, quando dores físicas e emocionais eram narradas a clientes, a professora orientadora e a mim. Trago, dessa forma, algumas discussões acerca da construção do que é ser mulher e homem neste meio rural, como encontramos a feira e seus bastidores no item 2,

---

<sup>9</sup> Os nomes aqui utilizados são fictícios, na qual busco preservar a identidade das interlocutoras e interlocutores.

interpreto e descrevo formas de socialização das interlocutoras e interlocutores no item 3, suas percepções acerca da saúde e quais as práticas de cuidado observadas na feira no item 4 e encerro no capítulo 5 com as considerações finais.

## **2. IDENTIDADE SOCIAL, A FEIRA E SEUS BASTIDORES**

Ao longo dos estudos sobre o meio rural e campesinato, principalmente na região do sul do Brasil, a valoração dos indivíduos sobre a terra e a família foram características pertinentes, sendo esta última tida enquanto uma categoria de valor (WOORTMAN, 1995) para determinados grupos. Desse modo, em consonância com Wanderley (2015), pode-se compreender o campesinato como uma “cultura”, um modo de vida que perpassa a ideia de ser apenas uma vivência voltada a sobrevivência e fins econômicos/produtivos, mas também de formação e processos humanos.

Objetivando conhecer as nuances internalizadas nas relações entre homens e mulheres, Carneiro (2001) nos traz que no mundo rural temos papéis de gênero que acabam estabelecendo e afetando na sua forma de agir e se portar perante a sociedade. Na feira, ocorre uma mudança na organização e tarefas entre os gêneros (FROELICH, 2015, p. 206), podendo ser percebida desde a concretização da feira realizada pelas mulheres, assim como o gerenciamento de preços e ganhos dos produtos que fazem. Mesmo ainda distantes dos ideais feministas<sup>10</sup>, lutas por equidade e/ou emancipação feminina, é necessário que compreendamos o contexto e as necessidades específicas destas interlocutoras.

As mulheres, principais responsáveis por produzirem e venderem os produtos caseiros na feira (como massa, pão, bolacha, geleia e pastéis), também trabalham junto com seus maridos e família nas hortas e lavouras. Enquanto para eles o trabalho “fora de casa” e a circulação no espaço público é destinado e esperado como suas maiores preocupações, além de serem os sujeitos detentores de terra, para as mulheres a responsabilidade central cai sobre as pequenas produções e no âmbito e cuidado familiar (PAULILO, 2003).

Em seus estudos Paulilo (1987) já trazia que a divisão e diferenciação do que é considerado “trabalho pesado” é característico dos homens e “trabalho leve” às mulheres e crianças, nas mais diferentes atividades que são desenvolvidas e analisadas no contexto e

---

<sup>10</sup> Utilizo o termo feministas de modo amplo devido às diferentes abordagens e formas interpretativas que temos a seu respeito. Tendo o caráter e busca por emancipação de mulheres de diferentes realidades, contexto cultural e social muito estudados e relatados a partir de um contexto urbano, saliento que nossas análises enquanto pesquisadoras do meio rural apesar de se aproximarem de situações das mulheres urbanas, acabam se diferenciando devido a realidade social de cada grupo, de cada uma.

espaços rurais. Mesmo em profissões e cargos semelhantes, os dois sexos teriam remunerações distintas (PAULILO, 1987). Há toda uma estrutura que busca modelar sujeitos conforme seu sexo biológico e atribuições sociais, refletindo no que pode ou não ser exercido por cada um, por cada uma. Essas características também vivenciadas pelas agricultoras e agricultores feirantes de Santa Maria, voltada a um caráter laboral permite nos aproximar e pensar o caráter social da educação (DURKHEIM, 1978) que lhes ocorre desde crianças.

Para Bourdieu (2003), é o *habitus* social de um grupo que se constrói e é incorporado por cada sujeito que é capaz de demarcar a origem e classe social dos grupos, modelando estruturas e relações sociais, bem como a corporalidade e suas derivações. Assim, o aprender e desenvolver um corpo rígido, voltado ao trabalho manual, são características percebidas nas formas de vida e cotidiano das agricultoras e agricultores feirantes, sendo que, também se reconfiguram conforme o contato com pessoas e realidades durante o processo de fazer a feira. Entre alimentos, artesanatos, roupas e demais acessórios, a feira se molda de uma forma dinâmica e plural.

Em concordância com a afirmativa de Zanini (2018, p. 99) “é uma feira que vem crescendo ao longo dos anos, seja no número de clientes e também na oferta de bens de consumo”, essa análise é percebida com o aumento de feirantes, assim como de público. Sendo em sua maior parte descendentes de imigrantes italianas/os, as agricultoras e agricultores que configuram este trabalho se encontram na faixa etária entre 57-75<sup>11</sup> anos, de cor branca, escolaridade de ensino fundamental incompleto, identificados como católicas/os. Mesmo aposentadas/os, continuam trabalhando e reproduzindo na feira um mundo italiano de origem camponesa (ZANINI, 2018, p. 112), seja pelos gostos, seja pelos costumes que formam e performam do meio rural.

Morando nos arredores rurais do bairro urbano de Camobi, o preparo e organização dos produtos inicia dias antes da quarta-feira ou do sábado. O deslocamento de seus lares, a chegada e montagem de suas barracas ocorre ainda durante a madrugada. Os horários se intercalam entre 04h, 05h ou 6h da manhã para que até às 7h estejam prontos. Em um diário na semana do carnaval de 2019 destaco:

6h05min. As/os feirantes (...) se encontram montando as barracas. Num primeiro momento Nívea se encontra parada ao lado de Derli e seu cunhado que estão sentados tomando um mate<sup>12</sup>. Ele já está com sua barraca ajeitada. Me questionam o motivo de

---

<sup>11</sup>A idade das e dos feirantes condiz ao ano de 2019.

<sup>12</sup> Bebida amarga, também conhecida como “chimarrão”, saboreada em uma cuia com erva-mate, água quente e bomba, tipicamente consumida no estado riograndense.

vir tão cedo a feira, acreditando que eu estava “pulando carnaval”. Respondo que gostaria de ver como os feirantes organizam e vão montando a feira, eles riem e não sei se acreditam na minha curiosidade (Diário de campo. Sábado, 02 de março de 2019)<sup>13</sup>

Quando chegava antes das 7h da manhã, o que aconteceu poucas vezes na feira, era interpelada com certo teor de brincadeira: caiu da cama hoje, Luana? Essa proximidade que de início (2016) me parecia ser difícil foi sendo conquistada aos poucos, de feira em feira, nos momentos em que o fluxo de clientes não se mostrava tão intenso, onde o diálogo sobre os produtos e o dia a dia, os olhares e a escuta se construíam mutuamente.

Durante a “Feirinha”, o atendimento ao público, a organização das bancas, das caixas e alimentos se relaciona diretamente ao conhecimento do que é se tornar e ser feirante, sendo para alguns, uma extensão do ser agricultor/a (OLIVEIRA, 2015). Deixar a banca o mais atrativa possível, semelhante ao que nos traz Cielo (2017, p. 29) sobre o Feirão Colonial de Santa Maria/RS, “a utilização de produtos chave para a captura dos olhares dos consumidores” no processo de ajeitar os alimentos nas bancas é de caráter fundamental para estas/es.

Como destaca Zanini (2018, p. 100) “há, igualmente uma rede anterior a feira que se desenvolve no meio rural”, na qual parentes, vizinhos e amigos, vendem produtos aos feirantes com o intuito de escoar sua produção. Isso permite que se possam oferecer mais variedades aos consumidores no meio urbano. Além desta teia, também ocorre a comercialização de produtos de distribuidoras comerciais de alimentos.

Entre algumas peculiaridades, diferente de Vedana (2008) que nos fala sobre a importância da oralidade dos feirantes das feiras-livres em Porto Alegre, em Santa Maria na “Feirinha de Camobi” as vendas são realizadas de forma silenciosa e os diálogos são mediados pela interação. As e os feirantes atendiam consumidoras/es conforme interpelações ou demonstração de interesse quando seus produtos eram observados. Não há um chamamento ostensivo, seja verbal ou gestual.

Fui aos poucos, desse modo, sendo introduzida ao cotidiano da feira por meio da etnografia de rua (ECKERT, ROCHA, 2003), deslocando-me pelo ambiente, contemplando e interpretando o espaço. Desse modo, “o pesquisador constrói o seu conhecimento da vida urbana *na* e *pela* imagem que ele com-partilha ou não, com os indivíduos e/ou grupos sociais por ele investigados” (ECKERT, ROCHA, 2003, p. 3) e que serão percebidos pelos sujeitos que configuram esse espaço.

---

<sup>13</sup> A transcrição foi trazida do diário e realizada conforme o vocabulário utilizado pelos sujeitos com o intuito de ressaltar e valorizar suas características linguísticas locais.

Utilizei diários de campo para registrar os meses que estive com as/os feirantes, tomando nota de diálogos e situações específicas que ali transcorreram. Negocieei a permissão para fotografar as barracas, os produtos e a feira como um todo, com cada uma e cada um que ali se encontrava. Mantive-me alerta para não registrá-las/los nas fotografias, já que não desejavam e não pretendiam “queimar o filme”, como num tom amistoso comentavam, exceto em momentos que recebia autorização para o uso de sua imagem.

Cabe ressaltar que a realização das fotos era devidamente negociada com o intuito de não apenas registrar imagens coloridas da feira, mas também, como nos traz Godolphim (1995), destacar a importância sociológica e antropológica daquele ambiente. Como a escrita, a fotografia também auxilia na compreensão de códigos e linguagem que se apresentam naquele contexto.

Já destacavam em sua pesquisa sobre o uso de fotografias e experiências compartilhadas Zanini, Oliveira e Cielo (2016) sobre a importância da devolutiva de material e imagens aos sujeitos pesquisados. Em 2019, assim como em anos anteriores, foram organizados e entregues CDs com imagens a cada componente da feira a fim de que pudessem ver alguns registros realizados durante o período que passamos juntas/os.

O público consumidor na feira é diverso, sendo constituído por jovens, universitários, moradores do bairro, professores da universidade e idosos, entre outros. As motivações de cada uma e cada um são diversificadas e a cada semana há clientes novos. Os interesses para ir à feira iam desde o cuidado com a alimentação, o desejo de consumir um produto de quem de fato “produz”, como a procura de flores para ornamentação de seus lares, produtos artesanais ou pelo prazer de passear e trafegar entre o fluxo de pessoas que por lá circula. Embora conversássemos sobre isto, nunca foi nosso objetivo pesquisar os clientes especificamente.

Era frequente a observação de sujeito que traziam em suas mãos, um chimarrão, trocam receitas e informações que são experienciadas e repassadas pela empiria das/os feirantes. Essa aproximação de quem vende e quem compra acaba estabelecendo redes e relações de confiança que são construídas face a face (GIDDENS, 1991), conforme a assiduidade que se constrói e transforma o espaço em um local de encontros e diferentes sociabilidades.

Nessa dinâmica de trocas, de conversas curtas ou demoradas, acrescidas de observações e principalmente da importância da atuação feminina (FROELICH, 2014) que busco dar mais visibilidade aquelas/es que construíram e mantêm na feira um lugar de resistência dos pequenos produtores/as (FROELICH, 2015). Saliento que entre as conversas e partilhas nas idas ao campo, geralmente ouvia a indicação de receitas de pratos regionais de algumas culturas

(como exemplo do agnoline<sup>14</sup>), saladas, doces, salgados, como também cuidados e tratamentos medicinais com indicações de chás.

Na barraca de Nívea e Derli, lugar em que eu e a professora orientadora mais permanecemos nos últimos meses, chegávamos entre 8h e 10h da manhã dos sábados, solicitando licença para nos inserirmos no espaço delimitado e ali ficávamos até as 12 horas. Geralmente havia duas cadeiras de madeira atrás da mesa de produtos e duas que eram levadas pela professora orientadora. O mate circulava entre nós e os feirantes numa forma de partilhar aquele momento de convívio.

Quando o movimento aumentava e Nívea se encontrava sozinha, já que Derli cuidava de outra barraquinha até umas 9h30min da manhã, próxima a Avenida Roraima, ela vez ou outra dizia: “Luana, alcança uma sacola aqui” (Diário de Campo, sábado, 04 de maio de 2019), para que ajudasse a atender as pessoas. À medida que o fluxo reduzia, conversávamos sobre sua e nossa semana. Nesses instantes ouvíamos relatos sobre suas tarefas, filhos e filha, a rotina e principalmente, queixas relacionadas ao corpo. O casal, que desde sua infância vive no meio rural santamariense, nas proximidades da cidade de Silveira Martins, tem dois filhos e uma filha, ambos com ensino médio, exceto a filha que seguiu no ensino superior, formando-se em universidade pública. Ela trabalha no meio urbano e os outros seguem no meio rural.

Luíza e Óto formam o casal mais idoso dos interlocutores. Realizando um atendimento paciente e animado aos clientes, dificilmente faltavam a feira, mesmo em dias intensamente chuvosos. Casados há mais de 40 anos, são pais de uma filha, um filho, os quais trabalham no meio urbano e tem ainda uma neta que estuda no ensino médio. A infância e juventude do casal, assim como a vida adulta foi voltada ao trabalho no campo, como demais atividades que complementavam a renda.

Iasmim e Marcelo chegavam na feira por volta das 6h da manhã. A feirante é muito conhecida e prestigiada pelos consumidores pelos pães e cucas que produz. Marcelo ficava responsável pelo preço e organização dos grãos (feijão, milho), amendoim e ovos. As demais variedades de verduras e frutas eram organizadas conjuntamente. O casal é católico praticante, têm 3 filhas, uma delas feirante, estando sua barraca ao lado da mãe e pai. A outra mora e trabalha no perímetro urbano e às vezes ainda trabalha com a irmã ou os pais quando vem na feira. A filha mais nova é falecida há mais de 30 anos.

---

<sup>14</sup> Tendo o formato de um mini chapéu, o agnoline, também chamado de capeletti é uma massa feita com ovos e farinha que é recheada com frango ou carne, tipicamente consumida na região de Santa Maria, principalmente por descendentes de imigrantes italianos.

Semanalmente Iasmim nos descrevia seus afazeres vinculados ao ambiente doméstico, principalmente -fazendo pães, cucas, refeições, cuidando da casa e da sua vaquinha. Nos últimos meses teve que se atentar com Marcelo que diagnosticado diabético começou a ter complicações com sua saúde, restringindo mais sua alimentação. Assim, como Iasmim, Cris também faz pães, cucas e grostolis, além de revender bolachas caseiras de sua cunhada. Geralmente se encontra acompanhada pelo filho que lhe traz<sup>15</sup> até a feira. Era comum quando lhe perguntava sobre a semana ou sobre a feira, ela me responder: “tá boa, não dá pra se queixar, graças a Deus”, terminando a frase com um sorriso.

Como Marcelo, Cris e Nívea também são diabéticas, além de possuírem antecedentes familiares com a doença. Se Marcelo tinha o auxílio de Iasmim para cuidar da alimentação, Cris e Nívea cuidam de si sem receber diretamente ajuda ou cuidado do nicho familiar. Enquanto às mulheres têm como “obrigação” zelar pelos seus companheiros, observa-se que não há esta demanda em relação aos homens.

Por recomendações médicas ou de nutricionistas, as feirantes tiveram que mudar determinados hábitos alimentares. No entanto, mesmo com o diagnóstico, a diabetes não é a principal “ameaça” que as/os faz pensar que não estão saudáveis. Sua percepção de bem-estar é estar apto e sem dores físicas para poder realizar suas tarefas na lavoura, na horta ou galpão<sup>16</sup>. O corpo é um elemento chave para as práticas agrícolas e artesanais, o que lhes exige muito de sua estrutura, o qual é muito lembrado, como veremos a seguir.

### **3. CONSTRUÇÃO DO CORPO E COMPREENSÃO DE SAÚDE ENTRE AGRICULTORAS E AGRICULTORES FEIRANTES**

Nos estudos da modernidade, os sujeitos, assim como a ciência passam a ter um olhar mais voltado ao corpo, compreendendo-o como um recinto, lugar limite de sua liberdade (BRETON, 2011). E assim, nesse ambiente tão particular e repleto de histórias e significados de vida que busquei perceber como se construiu esse recinto das e dos agricultoras/es e como constroem suas condições de saúde conforme sua socialização e necessidades de sobrevivência neste meio.

Bourdieu (2006) analisou em “O camponês e seu corpo”, um grupo de rapazes camponeses na França que apresentavam características corporais mais rígidas se comparados

---

<sup>15</sup> Das interlocutoras deste trabalho, nenhuma possui carteira de habilitação. Os homens são responsáveis pelo deslocamento até a feira e no cotidiano familiar.

<sup>16</sup> Construção utilizada no meio rural para guardar utensílios, materiais de trabalho no campo.

as atitudes corporais de jovens urbanos. Constatou, por fim, que há uma internalização social negativa na construção dos corpos dos jovens camponeses, se comparados aos urbanos, o que os afasta das relações e desejos das moças. A essa imagem desvalorizada do corpo rude dos camponeses, desse corpo “encamponizado” (BOURDIEU, 2006), o autor caracteriza esse modo de ser introvertido como uma visão que os sujeitos criavam de si. Na feira, entendendo seu contexto e realidade peculiar, também são encontradas narrativas de agricultoras e agricultores que se veem em um contexto paralelo, seja pelas mãos e pés calejados, seja pelas roupas que vestem ou propriamente pela construção e educação de seus corpos.

Essas percepções fazem parte de um modo consciente e também não consciente, de um campo de estratégias e espaço social que as agricultoras e agricultores se encontram. A educação de técnicas e hábitos corporais (MAUSS, 2003) moldou uma internalização de um corpo ensinado ao ato de trabalhar. A socialização familiar aparece nas falas, voltando-se ao cultivo da terra, lavoura e horta, ou, para as mulheres em específico, às tarefas domésticas e atividades necessárias para a sobrevivência da família no meio rural.

A educação camponesa das/os interlocutoras/es é de um período específico em que a escolarização era restrita a determinadas classes sociais que tinham a possibilidade de acessar instituições de formação. A lógica camponesa vinha de uma lógica de manutenção de produção, família e trabalho. Em um registro de campo, destaco o comentário feito sobre escolaridade de Óto:

(...) frequentou a escola por cerca de 5, a 6 meses aos 16 ou 17 anos, no período noturno. Quem buscava lhes ensinar a ler e escrever quando era criança foi seu pai. (...) o pai não era paciente e compreensivo. Óto tinha medo de apanhar por não entender e conseguir fazer certo o que ele pedia, por isso não se interessou muito pelo estudo. Constata que hoje mal consegue ler e escrever. “O cara tinha que trabalhar, não era incentivado a estudar”. Eu disse pros meu ‘fio’, pra faze um curso. Hoje o cara sofre”. (Diário de campo de junho de 2019).

Em situação semelhante, os demais agricultores frequentaram a instituição escolar por poucos meses. O ofício agrícola exigia a colaboração de todos os membros da família. Semialfabetizados, hoje os agricultores apresentam dificuldades e pouco interesse em ler e escrever. As mulheres tiveram um grau de instrução um pouco maior, mesmo com a iniciação do trabalho mais voltado ao cuidado familiar (PAULILO, 2003). Elas chegaram até o quarto ano de ensino básico, o que hoje lhes possibilita, se comparadas aos homens, conseguirem ler e entender textos com menos dificuldades.

A cultura familiar camponesa ou desse mundo italiano (ZANINI, 2018) educava as filhas mulheres desde cedo a cuidar da casa, da alimentação, das e dos irmãos/ãos mais novas/os

e posteriormente a realizar o trabalho na lavoura. Já a educação e formação dos filhos homens se voltou desde o primeiro momento a manutenção e cuidado na terra -na lavoura-, no trabalho que garantia o alimento da família, na realização e negociação no espaço comunitário e urbano.

Essa formação que separa o trabalho por sexo e conseqüente construção do que é ser homem e do que é ser mulher nesse contexto deve ser levada em consideração nas suas percepções e diferentes tipos de dores que sentem e são levados ou não a externalizar. Na feira pode se constatar que as queixas dos homens se voltavam mais a dores físicas a “dor nas costas, na coluna”, a “dor nas pernas”, “dor nos braços”. Essas dores, constatadas pelos 3 interlocutores homens foram seguidamente percebidas. As mulheres também apresentavam queixas físicas semelhantes, seja pelo seu trabalho repetitivo de anos, como o cuidar do ambiente doméstico, da casa que majoritariamente era e é feito sozinha, como o próprio trabalho na lavoura, a queixa pela falta de lazer e companhia para conversar ou de tempo para cuidar de si.

Com o passar dos meses em campo passei a me dar conta que as estruturas e teias significantes (GEERTZ, 2013) narradas pelos homens e pelas mulheres se voltavam a dificuldade de manter a saúde do corpo. Notei que os agricultores expressavam sua dor na coluna ou nas pernas quando se encontravam mais calados, introvertidos e andavam de forma curvada. Como ressalta Helman (2007), a dor quando sai da percepção privada, torna-se um evento social, se as agricultoras falavam mais sobre suas enfermidades, os homens a demonstravam no seu silêncio. Desse modo, Helman (2007, p. 172) ainda diz que “cada cultura e grupo social -tem sua própria ‘linguagem de sofrimento’ exclusiva”, podendo ela ser ou não verbalizada.

Nas conversas e observações decorrentes na banca de Nívea e Derli, pude perceber suas maneiras de externalizar a dor, como tomo nota:

Nívea fala pra Derli ir tomar uma injeção. Não entendo no primeiro momento o que quis dizer com isso, mas logo noto que Derli anda meio corcovado. Ele está com dor nas costas. Ao questionar o motivo (se ouve algum específico) que tenha lhe provocado essa situação, responde-me que é de tanto “forceja” as costas, “já me estragô tudo”. O incidente teria ocorrido na manhã anterior quando teria ajudado a carregar um palanque<sup>17</sup> no vizinho (Diário de Campo, Sábado, 15 de junho de 2019).

Em outro momento em conversa com o feirante, Derli traz uma das suas experiências mais marcantes e revoltante sobre uma consulta que realizou com um “dotor”. Ao querer entender seu itinerário em busca de tratamentos institucionais, trago no diário:

---

<sup>17</sup> Tablado de madeira semelhante a um palco.

Derli me disse que saiu de madrugada e foi atendido por um médico de mais idade. Se encontrava sentado numa mesinha, e pediu o que Derli tinha.

- ‘Eu disse óh, dotor, não consigo mais caminhá de tanta dor nas costa!
- Ah, e o que que tu faiz?
- Eu disse, sô da colônia, trabaio com verdura. Diz ele:
- má qual é o colono que não tem dor nas costa?

E de imediato teria prescrito uma receita e remédio ao feirante. Derli teria negado a medicação.

- ‘Ele nem me examinô nada!’ (Diário de campo, 12 de janeiro de 2019).

Se para Bourdieu (2008) o exemplo poderia trazer a ideia de diferentes capitais culturais que se desencontram e mostram posições de uma estrutura de classe entre os dois elementos, o pequeno agricultor e o médico, Boltanski (2004) fala das classes populares operárias que se queixavam pela rapidez, dificuldade de comunicação e compreensão que tinham com os médicos. Essas atribuições se assemelham ao relato do agricultor que sai da consulta sem ser compreendido, desacreditando no sistema de saúde e tornando suas consultas sobre a coluna menos frequentes, o que outro dia me relatou.

Na metade de 2018, Marcelo começou a ter agravamentos nos índices de glicemia. Alguns machucados na perna que não saravam começaram a impossibilitá-lo de realizar atividades na lavoura, pois poderiam machucar mais o que ainda não tinha cicatrizado. Sentindo o desconforto, além de estar tendo dificuldades na circulação sanguínea, Marcelo buscou se cuidar mais.

Mas no final de 2018 teve um dedo do pé direito amputado. O motivo da cirurgia se deu em virtude de uma infecção que não obteve cicatrização natural. Em estado delicado, mesmo em meses pós-operatório, o estado da cicatrização lenta lhe impossibilitou de trabalhar. Por esse motivo, no início de 2019 permanecia sentado durante toda manhã em uma cadeira ou na capota da sua caminhoneta na feira.

De “cara fechada”, caráter sério, permanecia atento a alguns fatos que ocorriam em torno da barraca, deixando-o nervoso: “me anseia ver o serviço e não poder fazer”, disse certa manhã. A calma de Iasmim ao atender um cliente e deixar outro esperando o deixavam ansioso, além de que tinha que controlar seu sistema, já que foi solicitado pelo médico que parasse de fumar. Seu “vício” e o fato de não poder ajudar Iasmim o deixava mais irritado.

Nas narrativas das mulheres, a perda de energia vital, traz algumas características de um corpo que lentamente se percebe envelhecendo. Conforme passa o tempo, as dores começam a ser ressaltadas e se tornam mais localizadas. As queixas e histórias dos tempos antigos vinham mais para o centro da conversa.

Em março de 2019, Nívea nos relatou sobre os últimos dias da semana:

Tô bem. Só a perna que incomoda, mas vô fazê o que um senhor que compra galinha aqui me disse: pra pegar um copo de Nescafé, colocar um punhado de alecrim e misturar com a gosma da babosa e passar por cima. Diz que em uns dias tá bom (Diário de campo 23.03.19).

Diabética diagnosticada há 5 anos, necessita de cuidados específicos para controlar sua glicose, por isso, desde o ano passado (2018), vem realizando acompanhamento com uma nutricionista pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Diariamente toma três injeções de insulina, as quais injeta próximo a região do umbigo.

Desta forma, observa-se que, tanto Nívea quanto Cris tiveram que adequar sua alimentação, praticamente extinguindo alimentos ricos em carboidratos, evitando alimentos como bolachas, doces, massas e carnes muito gordurosas. Entre essas restrições, algumas práticas de cuidado e tratamentos serão destacadas no próximo item.

#### **4. PERCURSOS DE CUIDADOS**

Corriqueiramente ouvia diálogos entre as/os clientes e feirantes que queriam saber como foi a semana de cada uma de cada um, comentavam sobre receitas, indicavam chás para tratamento, além de observarem a fisionomia uns dos outros. Trago no trecho do diário:

Uma senhora e seu companheiro, clientes a vários anos de Iasmim e Marcelo se direcionam a barraca. Cumprimentando a/o feirante, ela se dirige a Marcelo dizendo:  
 - Tá mais magro!  
 - Eu emagreci bastante- responde o feirante.  
 - Só assim pra baixar a diabetes (Diário de campo 04.05.19)

A cliente que já estava ciente das condições e trajetória de vida do feirante, de forma jocosa, mas também enfática ressalta que ele se cuidava somente porque era obrigado pela doença. Percebi nessa e noutras conversas rápidas e objetivas que se realizavam inúmeras práticas de cuidado entre clientes e feirantes, seja com o corpo, seja em um aspecto mais emocional, traçando diferentes itinerários ou também itinerações terapêuticas (BONET, 2014) a cada encontro.

Para Alves e Souza (1999), o itinerário terapêutico tem como objetivo compreender de que forma os indivíduos e seus grupos aderem a formas ou escolhem determinados tipos de tratamento a fim de resolverem seus problemas de saúde. De forma crítica, trazendo a discussão de que os itinerários terapêuticos e seus estudos teriam uma perspectiva ainda engessada num sistema convencional de saúde, na relação entre médico, clínica e paciente, Bonet (2014) nos apresenta a categoria de itineração terapêutica.

A itinação terapêutica para Bonet (2014) teria a capacidade de traçar e permitir que linhas de vida se desenvolvam e sejam criadas, improvisadas e traçadas pelos sujeitos na busca de seu cuidado, ou cuidado de um grupo. Aspectos que relacionem a realidade, vida cultural e social do indivíduo. Desse modo, identificada por Iasmim como “professora da universidade”, uma consumidora vendo Marcelo sentado na cadeira estava interessada em saber como andava sua situação com a diabetes e o questiona:

- Como está a glicemia do senhor?
- O que? A diabetes? Tá mais ou menos.
- Diz que é bom tomar água morna com limão e depois de uma meia hora recém tomá o café!
- Mas e o chimarrão? - retruca.
- Toma chimarrão com limão. Toma chimarrão, daí limão, chimarrão (...) e ri. (Diário de campo 18.05.19)

Essa atenção e preocupação sobre o outro também é característico ao tempo de compra, venda e aproximar de relações que ocorre entre feirantes e consumidores. Assim também certa manhã Natália (que vende flores) veio até a barraca de Iasmim e Marcelo para saber como andava o “companheiro de trabalho”. Durante a conversa indica: “O senhor já ouviu falar em Estévia? Ela é pra substituir o açúcar. Ela não faz mal para diabéticos” (Diário de campo 16.03.19). Marcelo responde negativamente. Na semana seguinte Natália aparece na feira com uma pequena plantinha e a entrega a Iasmim. Era uma mudinha de estévia que estava dando a Marcelo com o intuito de que ele a usasse e cuidasse da sua saúde. Essas observações ocorriam de forma recíproca e repassadas a quem por lá circulava.

As práticas alternativas, por exemplo, eram oferecidas e buscadas quando a medicina convencional não correspondia aos resultados de tratamento desejados. De caráter semelhante ao que Boltanski (2004) traz sobre o papel do curandeiro que pertence à mesma camada popular e tem o consentimento do grupo para “tratar” doentes, no contexto rural as agricultoras e agricultores recorrem ao/a benzedor/a. É neste sujeito que veem a possibilidade de obter uma linguagem mais prática, próxima e rápida para realizar sua “cura”.

A benzedura é uma prática utilizada durante a história para tratar, amenizar ou curar alguém. É vista por Quintana (1999) como uma prática mágico-religiosa, sendo usada entre quem benze e quem é benzido/a. As e os agricultoras/es recorrem a prática a fim de obter ajuda ao que não é possível de ser tratado pela medicina convencional ou quando se deseja evitar ao máximo sua ida a sistemas institucionais:

- (...) Nívea fala;
- “mandei benzê no irmão do Moro” - ela se referia a Derli. O benzedor disse:

- “ele tava com cerca de 9 nervo fora”. Disse que ele [Derli] estava “mais de 15 dias assim”. Depois Nívea ainda lembra que:
- “Minha vó benzia com trigo. Ninguém das gurias aprendeu a benzê. Meu primo aprendeu. Tinha que tê tempo pra isso”. (Diário de Campo, Sábado, 29 de junho de 2019).

Para tratamento, o benzedor teria indicado a reza de 3 novenas durante uma semana, na qual o feirante deveria fazer. E assim, posteriormente destaca que a prática de benzer já tinha histórico em sua família, tanto nas pessoas irem se benzer, como propriamente realizarem a benzedura. As práticas de cuidado, desse modo ocorrem de diferentes formas e por diferentes pessoas, sendo elas utilizadas e realizadas pelas e pelos feirantes ou pelos próprios clientes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como propósito analisar brevemente o contexto de agricultoras e agricultores feirantes santamariense, em específico, que fazem feira no Bairro Camobi, nas quartas-feiras e nos sábados pela manhã.

Observou-se que a baixa escolaridade das e dos feirantes ocorreu em virtude da falta de possibilidades de seguirem seus estudos, além de não haver diretamente incentivo familiar para continuarem. Isso nos direciona ao valor que é dado ao trabalho, ao sustento e sucessão familiar, ao desenvolvimento de um corpo específico para realizar práticas e trabalhos manuais no ambiente rural. Diferente de sua realidade, as filhas e filhos dos casais hoje tem a oportunidade de terem mais possibilidades, assim como liberdade para estudarem e trabalharem no que gostariam.

As formas de vida contribuem na construção de narrativas, de acordo com o ambiente em que os indivíduos se encontram. As recorrentes falas que passam sobre o cotidiano das/os feirantes ressaltam sua preocupação voltada à saúde, tanto física, quanto emocional. Mesmo imbricadas, as percepções sobre saúde física e emocional tem caráter diferente entre homens e mulheres, principalmente. As formas de externalizar o que “dói”, o que se sente também se encontra relacionada ao modo de como cada uma e cada um foi educada/o e socializada/o em seu círculo social.

Durante os meses acompanhados, percebeu-se que o cuidado é um elemento que perpassa diferentes tipos de relações, seja entre as/os feirantes, seja ele entre clientes e feirantes. Esse cuidado se encontra atrelada a saúde física, emocional, a uma troca que passa a sensação de importância e valor do outro, seja na indicação de cuidados, tratamentos, benzeduras. Percebeu-se ainda que, são as mulheres as que mais se preocupam e realizam diferentes tipos

e cuidados, seja consigo, com seus companheiros, ou até mesmo entre consumidores e feirantes, as mulheres permanecem mais atentas e observadoras quanto essas práticas.

De acordo com Nora (2017), vemos nesse contexto acadêmico instrumentos que constroem a pesquisa como elementos que contribuem nas análises sociais para conhecermos melhor a realidade, reconhecermos as demandas dos grupos e nos aproximamos enquanto sujeitos deste ambiente social. Por isso, juntamente com minha compreensão enquanto sujeito em contexto de graduação e pesquisa, destaco que as percepções e a busca de transcender o contexto local se constroem e reconstroem continuamente, não sendo esta uma análise dada e muito menos encerrada. Nossa compreensão enquanto sujeitos e sociedade é dinâmica, assim como a ciência também o é.

## 6. BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. **ABA**. Código de Ética do Antropólogo e da Antropóloga. Disponível em: <http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/> Acessado em: 02 de dez. 2019.

ALVES, P. C. B; SOUZA, I. M. A. Escolha e avaliação de tratamento para problemas de saúde: considerações sobre o itinerário terapêutico. In: Rabelo M. C. M, Alves P. C. B, Souza I. M. A. **Experiência de doença e narrativa**. Rio de Janeiro: Fiocruz; 1999. p. 125-138.

BOLTANSKI, Luc. **As Classes Sociais e o Corpo**. São Paulo: 4ª Edição Graal, 2004.

BONET, Octavio. Itinerações e malhas para pensar os itinerários de cuidado a propósito de Tim Ingold. Rio de Janeiro: **Sociologia&antropologia** v.04.02: 327–350, outubro, 2014

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp, 2008.

BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Rev. Sociol. Polít.** Curitiba: 26, p. 83-92, jun. 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRETON, David Le. Apagamento ritualizado ou integração do corpo. **Antropologia do Corpo e Modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CARNEIRO, Maria José. Herança e Gênero entre agricultores familiares. **Estudos Feministas**, vol. 9, No. 1, 2001.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e Perigo**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Rio de Janeiro: Melhoramentos, São Paulo + Fundação Nacional de Material Escolar, 1978.

DUTRA, Maria Rita Py; NORA, Fabiane Dalla. Etnografando feiras livres em praças de Santa Maria-RS: as feiras ecológicas da Praça Saturnino Brito e da Praça Saldanha Marinho. **Somos todas mulheres iguais!** Estudos antropológicos sobre feiras, gênero e campesinato. São Leopoldo: Oikos, 2015.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Carvalho da Rocha. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS. Capa > Edições anteriores > v. 4, n. 7 (2003) Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160/5258>> Acesso em: 19 de jul. 2019.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. **Cadernos de campo**. n 13: 155-161, 2005. Tradução de Paula Siqueira.

FROELICH, Patrícia Rejane. Fazendo etnografia na feira: uma etnografia entre mulheres camponesas em Santa Maria, no Rio Grande do Sul. **Mercados, Campesinato e Cidades: abordagens possíveis**. São Leopoldo: Oikos, p. 185-220, 2015.

FROELICH, Patrícia Rejane. O campesinato em questão: etnografando uma feira urbana de alimentos. **Somos todas mulheres iguais. Estudos antropológicos sobre feiras, gênero e campesinato**. Oikos, São Leopoldo, p. 76-87. 2015.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Unesp. São Paulo. 1991.

GODOLPHIM, Nuno. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 161-185, jul./set. 1995.

HELMAN, Cecil - A abrangência da antropologia médica. Cuidado e cura: os setores de atenção à saúde. **Cultura, Saúde e Doença**. Artmed Porto Alegre. 2007.

IBGE - Índice Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santo-cristo>> Acessado em: 15 de junho. KOFES, Suely. **Uma Trajetória em narrativa**. São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez. 2009

MAUSS, Marcel. As técnicas do Corpo. **Sociologia e Antropologia**. Cosacnaify. São Paulo. p.399-422.

NORA, Fabiane Dalla. “**Todo dia é dia de feira**”: Relações de gênero e partir de uma feira de pequenos agricultores de Santa Maria/RS. 2017. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

OLIVEIRA, Roberto C. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever. **Revista Antropologia**, São Paulo, USP, 1996, v.39 n° 1.

OLIVEIRA, Silvana Silva. **“Pegando Feira”**: Trocas, Reciprocidade e Mercado no Feirão Colonial em Santa Maria, Rs. Santa Maria. Dissertação de Mestrado Ciências Sociais 2015.

OLIVEIRA, L. R. C. Pesquisa *em versus* Pesquisas *com* seres humanos. In: Víctora, C.; OLIVEN, R. G.; MACIEL, M. E.; ORO, A. P. (Orgs.). **Antropologia e Ética: O debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n.28, p. 375-405, jul./dez. 2007

PAULILO, Maria I. S. O Peso do Trabalho Leve. Departamento de Ciências Sociais – UFSC. **Revista Ciência Hoje**- n° 28/1987.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 337-391, jul/dez. 2014.

QUINTANA, Alberto M. **A ciência da benzedura, mau olhado, simpatias e pitada de psicanálise**. São Paulo: saúde sociedade, 1999.

VEDANA, Viviane. **“Fazer a Feira”** estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre. Tese de dissertação. UFRGS. Porto Alegre. 2004.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O Campesinato Brasileiro**: uma história de resistência. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 52, Supl. 1, p. S025-S044, 2014 – Impressa em Fevereiro de 2015.

WOORTMANN, Ellen. **Teorias do campesinato e teorias do parentesco. Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo: Hucitec, Brasília: UnB, 1995.

ZANINI, M. C. C. Narrativas de uma etnografia na feira: é só sentar e escrever? **Saberes Tradicionais e Artesanato: expressões culturais do campo brasileiro**. São Leopoldo: Oikos. 2018.

ZANINI, M. C. C. Oh gringa! Tem raditi hoje? Etnicidade, memórias e trabalho na feira. **Gênero e Campesinato no Sul do Brasil: dominação masculina e transformação**. Curitiba: CRV. 2018.

ZANINI, M. C.C; OLIVEIRA, S. S. de; CIELO, D. P.A fotografia na feira: entre olhares, fatos e experiências compartilhadas IN: **Rural conectado: mídia e processos sociotécnicos no Brasil e Argentina**. Santa Maria. Facos-UFSM, p. 241-260, 2016.